

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR

DELIZE GNOATTO NETTO

O HIPERTEXTO COMO MÉTODO DE ENSINO NO CAMPO DA HISTÓRIA

CURITIBA  
2010

DELIZE GNOATTO NETTO

O HIPERTEXTO COMO MÉTODO DE ENSINO NO CAMPO DA HISTÓRIA

Trabalho apresentado à disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Mídias Integradas na Educação, da Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADORA: Professora MS. SUZANA MARIA MARQUES ZAMBERLAN

CURITIBA  
2010

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.*

*Todos nós sabemos alguma coisa.*

*Todos nós ignoramos alguma coisa.*

*Por isso aprendemos sempre.*

(Paulo Freire – educador brasileiro)

*Meus sinceros agradecimentos a todos que estiveram juntos na caminhada, em especial minha Tutora/Orientadora Suzana.*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	6
<b>RESUMEN</b>	7
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	8
1.1 FORMULAÇÃO DOS OBJETIVOS	10
1.1.2 Objetivo Geral	10
1.1.3 Objetivos Específicos	10
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b>	11
2.1 ABORDAGEM GERAL DO PROBLEMA	11
2.2 METODOLOGIA	12
2.3 POPULAÇÃO – ALVO	13
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	14
3.3.1 Como são construídos os Espaços Mentais através dos Hiperlinks	14
3.3.2 O Ensino de História Contextualizado e Interdisciplinar	15
3.3.3 O Hipertexto como Método de ensino no Campo da História	18
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	22
<b>REFERÊNCIAS</b>	24

## RESUMO

As mudanças na vida e no mundo do trabalho exigem profissionais atentos e ativos para esta sociedade que se apresenta. A escola, por sua vez, tem obrigação de fazer a diferença na vida desses jovens. Neste sentido, é importante analisar e construir currículos não desta ou daquela disciplina, mas uma visualização das possibilidades de realizações dentro da escola que propicie o entendimento de que o conhecimento não se realiza fragmentado, numa sequência linear de disciplina, mas acontece quando conseguimos estabelecer relações e possibilidades entre todos os conhecimentos adquiridos. Os hipertextos constituem uma rede que pode tratar de diversos temas interligados. Ao acionar a rede textual, em dado momento, o leitor atualiza alguns desses textos, de acordo com seus objetivos de leitura, marca trechos que considera importantes, relaciona e associa conhecimentos novos ao seu conhecimento prévio e vai construir um percurso próprio de leitura. Dessa forma, espaços mentais serão construídos e terão significado. Num mundo globalizado em que culturas e processos políticos e econômicos parecem fugir ao controle e ao alcance, a construção de identidades solidamente alicerçadas em conhecimentos originados nas Ciências Humanas, em especial na História, constitui condição imprescindível ao prosseguimento da vida social do indivíduo. O processo de aprender é fundamental na formação das pessoas, nas relações e atividades de que os indivíduos participam, configuradas pelas condições espaço temporais e socioculturais em que se realizam. Os hipertextos e seus desdobramentos caracterizam-se como um método interessante de ensinar e aprender conteúdos históricos de forma não-linear. É uma nova forma de linguagem em que acontece a mediação entre o oral, o escrito, o imagético e o digital dando o formato do hipertexto. O simples ato de ler se transforma historicamente.

Palavras chave: Hipertexto, Método, Ensinar, História, Profissionais.

## RESUMEN

Los cambios en la vida y en el mundo del trabajo exigen profesionales conectados y ativos para esta sociedad que se presenta. La escuela, por su vez, tiene la obligación de hacer la diferencia en la vida de los jovenes. En este sentido, es fundamental analizar y pensar currículos no de una manera estanqué sino con una visualización de las posibilidades de realizaciones dentro de la escuela que propicie la comprensión de que el conocimiento no se realiza fragmentado en una secuencia linear de disciplina, pero ocurre cuando conseguimos establecer relaciones y posibilidades entre todos los conocimientos adquiridos. Los hipertextos constituyen una red que puede tratar de diversos temas interconectados. Mientras el lector acciona la red textual, el actualiza algunos de estos textos, de acuerdo con sus objetivos de lectura, señala partes que considera relevantes, relaciona y asocia conocimientos nuevos a sus conocimientos previos, formandose así un percurso propio de lectura. Así se activan espacios mentales que tendran significados. En un mundo globalizado donde culturas y procesos politicos y economicos parecen perderse, la construcción de identidad solidamente basados em conocimientos advenidos en las Ciencias humanas, en especial en la historia, constitui condición imprescindible al seguimiento de la vida social del individuo. El proceso de aprender es fundamental en la formación de personas, en las relaciones y actividades en las cuales participan los individuos, configuradas por las condiciones espacio culturales, temporales y socioculturales en que se realizan. Los hipertextos y sus desdoblamientos caracterizanse como un metodo interesante de enseñar y aprender contenidos históricos de forma no linear. Tratase de una nueva forma de lenguaje en que ocurre la mediación entre oral, escrito, el imagetico y el digital formandose así el hipertexto. El sencillo acto de leer transformase historicamente.

Palabra clave: Hipertextos, método, enseñar , história, profisionales .

## 1 INTRODUÇÃO

O Hipertexto proporciona avanços significativos em relação ao texto escrito impresso, pois sua forma de estruturação da página não remete, de forma alguma, a uma linearidade. Portanto, pode o Hipertexto colaborar para a aprendizagem dos conteúdos históricos de forma plural, não linear e interativa ao hiperleitor?

As dificuldades de aprendizagem não são novidades na educação. O ensino no campo da História precisa ser revisto com outras práticas, mais motivadoras e interessantes para os alunos. O conteúdo precisa ser significativo, ter sentido na prática para os mesmos. Para tanto, entende-se que uma prática contextualizada e interdisciplinar, com a utilização de novas metodologias como o Hipertexto, são necessárias e urgentes para ensinar e aprender. Desta forma motiva-se os alunos a viajarem de forma menos linear pelos caminhos da História.

A proposta de pesquisar “Hipertexto” possibilita pensar em uma metodologia que propicia ao aluno uma interatividade, uma intertextualidade, uma heterogeneidade e uma não-linearidade que corrobora para o mesmo navegar em links de imagens, sons, vídeos, etc., simultaneamente com os conteúdos. Isso torna a leitura mais agradável e estimula a criatividade. Porém, esta navegação deve ser discutida e analisada para que o aluno não perca o foco da pesquisa ou leitura que se dispôs a fazer e não fique desestimulado com o mesmo.

Mudar metodologias, inserir as tecnologias no fazer pedagógico, possibilita instigar a criatividade e o gosto pela disciplina. É necessário e urgente que os professores de História procurem rever suas práticas e seus métodos de ensino, utilizando-se de novas ferramentas, novas tecnologias e novos métodos como o hipertexto por exemplo.

A construção de hipertextos possibilita viagens pela História de forma plural, abrangente, propicia a interdisciplinaridade com as outras áreas e promove um conhecimento amplo sobre o contexto histórico e a cultura geral. Corrobora para desenvolver o gosto pela disciplina e pelo conteúdo histórico, que muitas vezes os alunos tem resistência para estudar pois os métodos de ensino tradicionais costumam simplesmente fazer o repasse dos conteúdos e



levam os alunos a decorar os conteúdos, sem que percebam o quanto eles interferem no seu cotidiano, na sociedade na qual estão inseridos.

Sabe-se que a disciplina de História é importante para um pensar crítico do educando sobre o meio em que vive. Vale lembrar que a História redimensiona aspectos da vida em sociedade e o papel do indivíduo nas transformações do processo histórico. Tem por função instigar o aluno para exercer seu papel de cidadão consciente e ativo na sociedade. Portanto, fazer com que os alunos reflitam sobre a história navegando nos hiperlinks propiciados pelos hipertextos propicia aguçar a imaginação e desenvolver o gosto pelos conhecimentos históricos.

Percebidos desta forma, os hipertextos podem ser utilizados como método de ensino no campo da História?

Acredita-se que sim, pois as tecnologias estão presentes na vida dos alunos e as possibilidades para utilizá-las são infinitas. Buscar novas maneiras de ensinar os conteúdos disciplinares, com a utilização das tecnologias de informação e comunicação, precisam ser consideradas para não perder a evolução histórica das transformações tecnológicas que são parte da história da humanidade. As mudanças na vida e no mundo do trabalho são velozes e exigem profissionais antenados e ativos para esta sociedade que se apresenta e a escola, por sua vez, tem a obrigação de fazer a diferença na vida desses jovens. Nesse sentido, é importante analisar e construir currículos, não desta ou daquela disciplina, mas uma visualização das possibilidades de realizações dentro da escola, com uma prática coletiva, interdisciplinar, que propicie o entendimento de que o conhecimento não se realiza fragmentado, numa sequência linear de disciplina, mas acontece quando se consegue estabelecer relações e possibilidades entre todos os conhecimentos adquiridos.

A questão curricular é sempre geradora de polêmicas, atinge todos os segmentos da educação, provoca reações frente à prática docente, e é justamente na sala de aula o espaço no qual as mudanças propostas se efetivarão positiva ou negativamente para o educando.

Hoje, a História é vista de forma plural. Mudou seus métodos, seus recortes e seus objetos. Ampliou seu foco de análise e de entendimento.

A História enquanto disciplina escolar deve proporcionar aos alunos o desenvolvimento do senso crítico, da cidadania e promover atitudes pró-ativas

corroborando para se tornarem, como propunha Gramsci, *“intelectuais orgânicos”*.

Acreditamos que a História poderá propiciar às novas gerações analisar, interpretar, redefinir conceitos e livrar as mesmas da alienação social que compromete as identidades individuais e coletivas. Mediante uma visão crítica, contextualizada e interdisciplinar a História, enquanto disciplina escolar, possibilitará ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as no tempo e servindo como arcabouço para a reflexão sobre possibilidades de mudanças ou continuidades.

Esta pesquisa sobre o hipertexto justifica-se, pois entende-se que é possível utilizá-lo como um método didático para se ensinar conteúdos históricos e que isso possibilitará aos alunos um aprendizado mais significativo e interessante, exigindo-se, desta forma, um currículo mais flexível em que a interdisciplinaridade e a contextualização possam ser entendidas e aplicadas efetivamente na prática docente. A busca por um aporte teórico sobre o hipertexto foi necessária para fundamentar e promover o conhecimento do que é e como pode ser utilizado para o ensino dos conteúdos escolares.

## 1.2 FORMULAÇÃO DOS OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Pesquisar e entender o hipertexto para ser utilizado como método de ensino no campo da História.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Definir “Hipertexto”;
- Verificar as relações que são desencadeadas pelos links no hipertexto;
- Perceber como os espaços mentais são construídos através dos hiperlinks;
- Verificar as possibilidades de utilização de hipertextos como método de ensino-aprendizagem no campo da História.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 ABORDAGEM GERAL DO PROBLEMA

O ensino de História tem uma trajetória importante na educação brasileira. Ora considerada ideológica e subversiva, ora trabalhada de forma linear, acrítica, singular e nos dias atuais vê-se a necessidade de trabalhá-la de forma crítica, contextualizada, interdisciplinar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) vêm dando ênfase à área de Ciências Humanas e suas Tecnologias propondo que a aprendizagem de História propicie ao educando desenvolver “competências” e “habilidades” para que possa entender a sociedade em que vive como uma construção humana que se reconstrói constantemente ao longo de gerações, num processo contínuo e dotado de historicidade.

Num mundo globalizado em que culturas e processos políticos e econômicos parecem fugir ao controle e ao alcance, a construção de identidades solidamente alicerçadas em conhecimentos originados nas Ciências Humanas, em especial na História, constitui condição imprescindível ao prosseguimento da vida social do indivíduo. Compreender a sociedade, suas transformações, os múltiplos fatores que nela intervêm como produto da ação humana é o papel primordial da História que, por meio de um ensino contextualizado e interdisciplinar, poderá fazer a diferença propiciando um pensamento crítico ao educando.

Sendo uma disciplina que possibilita atitudes interdisciplinares, dependendo da postura do professor, poderá fazer as aproximações e correlações relacionando-a ao contexto histórico com as várias áreas do conhecimento e enriquecendo, assim, a visão do aluno.

Desta forma, os métodos devem ser revistos, redimensionados, reinterpretados. Neste sentido, propõe-se a utilização de hipertextos como uma possibilidade para ensinar os conteúdos históricos dentro de uma metodologia que está inserida nesses novos tempos em que as tecnologias estão presentes em todos os espaços e utilizadas como meio para o ensino podem fazer a diferença para uma aprendizagem mais significativa para os alunos. O

hipertexto e seus desdobramentos caracteriza-se como um método interessante de ensinar e aprender conteúdos disciplinares de forma não-linear. É uma nova forma de linguagem em que acontece a mediação entre o oral, o escrito, o imagético e o digital dando o formato do hipertexto. O simples ato de ler se transforma historicamente.

## 2.2 METODOLOGIA

A pesquisa contemplou a Análise de Conteúdo que possibilita a utilização de vários métodos de pesquisa. Nesse caso específico utilizou-se a pesquisa bibliográfica buscando os teóricos que discorrem sobre hipertextos, gêneros textuais e linguagem. Nossa pesquisa também contemplou a dialética como método de pesquisa pois promove a reflexão crítica do problema “tese”, a “antítese” e a “síntese” da problemática levantada para pesquisa. Ela é uma pesquisa qualitativa pois não foi aplicada e, tampouco houve a necessidade de tabulação de dados.

Segundo KNECHTEL; VIEIRA (2002, p. 75),

Ao termo dialética têm sido atribuídas as mais diversas significações na história do pensamento. Para compreendê-la realmente é preciso estudar todos os seus aspectos em totalidade, ou seja, todas as suas relações, conflitos, mediações e contradições. A dialética reside na escala mais frágil da relação, no momento essencial, na contradição presente e principal de cada fenômeno em estudo. Para a dialética, as coisas não são analisadas como objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está acabada, e sim sempre em vias de transformação, em desenvolvimento. O fim de um processo é sempre começo de outro.

A abordagem dialética insiste na relação dinâmica, no movimento entre o sujeito e o objeto, no processo de reconstrução do conhecimento. Valoriza-se como dinâmica do fato observado a contradição e a criatividade do sujeito, que observa as oposições contraditórias entre o todo e as partes e as relações do saber e do agir com a vida social de homens e de mulheres.

Nesta abordagem: O pesquisador busca o significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais e nos processos educacionais. As pesquisas qualitativas não trabalham com hipóteses (pesquisa quantitativa) nem com variáveis e, sim, com pressupostos, fatores qualitativos e categorias de análise.

A pesquisa bibliográfica sobre o hipertexto e seus desdobramentos aconteceu no período de novembro e dezembro do ano 2010 e pretende-se

com ela, instigar professores que trabalham no Ensino Médio, com a disciplina de História, para o conhecimento e possibilidades de uso do hipertexto como método de trabalho para o ensino da disciplina, propiciando assim o uso das tecnologias no fazer pedagógico.

### 2.3. POPULAÇÃO – ALVO

O hipertexto, como método de ensino no campo da História, foi pensado para ser utilizado com alunos de todas as séries do Ensino Médio.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1.1 Como são construídos os Espaços Mentais através dos Hiperlinks

Em um hipertexto, os nós estão conectados uns aos outros através dos *links*, ou *hiperlinks*, que segundo MARCUSCHI (2005) podem ser chamados de âncoras. Para o autor, os *hiperlinks* referem-se a um problema de macrocoerência e as ligações previstas são instrumentos vitais para possibilitar a construção da coerência porque os *hiperlinks* geram expectativas diversas, dependendo de onde se situam. São instrumentos interpretativos e não simples instrumentos neutros.

Segundo XAVIER (2003, p.287) são os hiperlinks que realizam a intertextualidade explícita, ou melhor, fazem acontecer a hiper-intertextualidade já que viabilizam o diálogo instantâneo entre hipertextos *on-line*.

Os hipertextos constituem uma rede que pode tratar de diversos temas interligados. Ao acionar a rede textual, em dado momento, o leitor atualiza alguns desses textos, de acordo com seus objetivos de leitura, marca trechos que considera importantes, relaciona e associa conhecimentos novos ao seu conhecimento prévio e vai construir um percurso próprio de leitura. Dessa forma, espaços mentais serão construídos e terão significado.

A Teoria dos Espaços Mentais, desenvolvida por Gilles Fauconnier 1994, (apud GUALBERTO, 2008, p. 62), refere-se ao processo de construção de significados como um processo de projeções em que o leitor/ouvinte constrói os espaços mentais durante o processamento do discurso. De acordo com a Teoria dos Espaços Mentais, o processamento de um texto resulta de operações mentais que são detonadas pela materialidade lingüística e resultam da interação entre conexões cognitivas e expressões lingüísticas.

O mesmo autor coloca que os espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos em si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis.

FAUCONNIER 1997 (apud GUALBERTO, 2008, p. 66-67), afirma que na configuração de espaços, “nenhuma expressão lingüística tem sentido em si mesma, tendo apenas um sentido potencial, e é somente no interior de um

discurso completo e contextualizado que o sentido pode, realmente, ser produzido. Portanto a significação se constrói discursivamente, na medida em que os espaços mentais são construídos.

Para FAUCONNIER (1997 apud GUALBERTO, 2008, p. 63), alguns elementos são fundamentais na configuração de espaços mentais. O Espaço-Base é o espaço em que o discurso se ancora, ou seja, um ponto de partida da construção de novos espaços e para o qual é possível retornar. O Espaço-Foco é o espaço sobre o qual a atenção está centrada, no momento, ou seja, o espaço que está sendo construído e o Espaço-Ponto de Vista é o espaço a partir do qual outros espaços podem ser acessados, estruturados ou criados.

Quando transpõem-se os mecanismos de construção e conexão de espaços mentais para o hipertexto digital, está sendo considerado o *hiperlink* como um construtor de espaço que abre e fecha um novo espaço existente. Se for considerado o *hiperlink* como um construtor de espaço, materializado numa forma lingüística cuja significação será construída discursivamente, torna-se fundamental compreender que o bloco textual ao qual o *hiperlink* remete deve ser adequadamente selecionado ou construído. É possível inferir que o *hiperlink* pode ativar outros sentidos que poderão configurar novos espaços a serem consolidados ou modificados pelo bloco textual disponibilizado no *hiperlink*.

Relacionando os hiperlinks aos conteúdos históricos, os nós desencadeados pelos mesmos levam os alunos a novas descobertas e possibilita perceberem como o contexto histórico de determinada sociedade se interrelaciona com outras áreas e espaços e que existem em função de fatores desencadeados naquele momento histórico, porém, foram necessários e possibilitaram a humanidade evoluir. O conteúdo histórico é alargado, plural, não-linear e desencadeia uma rede de conceitos que propiciam ao aluno uma aprendizagem ampla e significativa.

### 3.1.2 O Ensino de História Contextualizado e Interdisciplinar

Observa-se nas escolas uma preocupação de se trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar. Porém, percebe-se a dificuldade que muitos professores têm para entender o conceito de interdisciplinaridade. Este termo invadiu as escolas a

partir da segunda metade dos anos 80 e vem gerando até hoje uma grande confusão na sua definição.

JAPIASSU (1976) caracteriza a interdisciplinaridade como a intensidade das trocas entre especialistas e o grau de integração das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa. Entende a interdisciplinaridade como exigência interna das ciências e uma necessidade para uma melhor compreensão da realidade que as ciências nos fazem conhecer. Segundo o autor, é necessário que cada professor esteja realmente impregnado de um espírito epistemológico suficientemente amplo para que possa enxergar as relações de sua disciplina com as demais, sem, com isso, perder de vista a sua especialidade. Indica ainda que a divisão das disciplinas é uma "patologia do saber", um mal a ser combatido. Japiassu, (apud FAZENDA, 1979, p.12), enfatiza que "uma coisa nos parece certa: nenhuma opção crítica pode nascer, nos alunos, quando os professores lhes ministram ou inculcam um conhecimento que seria a expressão da verdade objetiva. Esta catequese intelectual é insuportável. O máximo que pode produzir são diplomados em primeira comunhão científica."

FAZENDA (1994) aqui no Brasil, estuda a interdisciplinaridade e apresenta uma evolução histórico - crítica para conceituá-la. A interdisciplinaridade, segundo ela, é uma questão de atitude, o que delega para o professor a responsabilidade na ação em sala de aula. Para isso, é necessário que o professor seja um eterno pesquisador para que possa fazer as devidas correlações com as outras áreas do conhecimento. Valoriza a postura do professor em sala de aula.

Outra autora, PETRÁGLIA (1993), enfoca a interdisciplinaridade como um caminho para a superação dos fragmentos que circundam a educação nos dias atuais e a postura do educador na animação desse processo interdisciplinar.

BOCHNIAK (1992) por sua vez, afirma que a temática da interdisciplinaridade parece atraente ao homem distanciado de seu papel de "fazedor" da história. E deve mesmo parecer, desde que ela possa ser anúncio da superação das visões fragmentadas com que ele está habituado a ver e pensar seu anônimo mundo.

LUCK (1995) enfatiza que a realidade é complexa e o homem encontra-se desesperado para enfrentar os problemas globais que exigem dele não apenas uma formação polivalente, como uma formação orientada para uma



visão ampla da realidade e uma atitude contínua de aprender a aprender.

Enfim, dependendo da maneira como nós professores de História desenvolvemos o trabalho em sala de aula, o importante é que trabalhando com projetos interdisciplinares ou tomando uma postura interdisciplinar na nossa prática, tenhamos a certeza de que este será o melhor caminho para uma educação e um ensino de História dinâmico e dialético, visando desenvolver entre os alunos a consciência da realidade humana e social da qual a escola faz parte, mediante uma perspectiva globalizadora. E para que aconteçam mudanças significativas no ensino da História, o professor terá que se assumir como um educador consciente do seu verdadeiro papel na sala de aula e na sociedade como um todo, entendendo a importância de que o aluno seja o sujeito do seu processo de aprendizagem; que a criticidade deve permear as questões curriculares; que a criatividade tanto do educador quanto do educando deve ser o que expressa durante todo esse processo; e, fundamentalmente, o professor deve compreender que não se trata meramente de uma nova metodologia ou um novo arranjo de conteúdos, mas, antes de tudo, que a questão curricular passa por uma outra postura por parte dos atores envolvidos no cotidiano escolar.

Com a contextualização dos conteúdos, o professor poderá alicerçar a interdisciplinaridade construindo um significado para o tema ou assunto proposto. O aluno, por meio de práticas contextualizadas, internaliza os conhecimentos com mais facilidade e é nesse momento que efetivamente a aprendizagem acontece. A aplicação de atividades escolares significativas exigirá do professor uma nova postura, centrada na mediação dos processos de construção, reconstrução dos conhecimentos escolares. O professor passa a ser um orientador/mediador do processo ensino-aprendizagem e não mais um transmissor do conhecimento.

A prática do professor é fundamental para um trabalho interdisciplinar. Sua postura deve ser inovadora, crítica, participativa, atuante. Ele deve ser conhecedor dos conteúdos de forma totalizante, ter o domínio dos conteúdos de sua área específica de ensino e, sempre que possível, recorrer a outros métodos e a outras disciplinas para explorar plenamente os temas de que está tratando. No modelo de escola e de formação vigentes na atualidade, a interdisciplinaridade e a contextualização dependerão, basicamente, da postura do professor em sala de aula. Utilizar os hipertextos pode ser um bom método

para trabalhar os conteúdos históricos de forma contextualizada e interdisciplinar. Eles podem ser um bom método para instigar os alunos a navegarem pelos conhecimentos históricos e para desenvolverem o gosto pela disciplina.

O importante no ensino de História é que o professor possibilite ao seu aluno a superação da passividade frente à realidade social e ao conhecimento, propiciando a compreensão da lógica dessa realidade e da construção do conhecimento, se apropriando das novas tecnologias disponíveis que possibilitam uma prática mais dinâmica, interessante e que leva os alunos a aprendizagens muito mais significativas levando os mesmos a construir o conhecimento de forma menos linear e absoluto. Este deve ser o maior objetivo do ensino da História.

As diversas ciências se especializaram rapidamente, sob numerosos pontos de vista. Certa especialização é útil e necessária. Porém, já que as ciências têm algo em comum, ou podem ser levadas a cooperações recíprocas, então, que se faça através da atitude interdisciplinar do professor na sala de aula e efetivamente se desenvolvam as competências e habilidades que tanto a LDB 9.394/1996, os PCNEM 1999 e as Orientações Complementares aos PCN + EM 2002 propõem para todas as escolas do País.

Que a História seja ensinada com todo rigor científico do qual faz parte dentro das ciências humanas e com a devida responsabilidade de propiciar ao aluno um pensar mais crítico para que possa agir na sociedade desenvolvendo plenamente sua cidadania.

### 3.1.3 O Hipertexto como Método de ensino no Campo da História

As alterações no campo das ciências acontecem com uma velocidade nunca antes vistas na História. As novas possibilidades de acesso às informações exigem novas posturas, novas reestruturações e reorganizações em todas as áreas do conhecimento. Isto altera sobremaneira a vida em sociedade e repercute diretamente na forma de pensar e de fazer educação. O ensino tradicional já não satisfaz exigindo para este novo tempo novas maneiras de pensar e ensinar. Novas metodologias são necessárias frente as exigências da sociedade do conhecimento com o amplo uso das novas

tecnologias, como meio, que condicionam e exigem uma reorganização dos currículos escolares. A utilização das tecnologias requerem novas práticas educativas e corroboram para profundas alterações na organização curricular, flexibilização das estruturas de ensino e a interdisciplinaridade dos conteúdos. Esta relação entre educação e novas tecnologias requer novas posturas também em relação a política e a gestão da educação.

As mudanças que estão acontecendo continuamente e cada vez mais velozes, promovem adaptações ao processo evolutivo tecnológico e imprimem a adoção de novas práticas e novos métodos. A leitura passa a ser diferenciada, novos textos são criados trazendo consigo novas formas de leitura. Neste cenário o ato de ler se transforma historicamente. Os hipertextos digitais possibilitam textos mais criativos, de fácil leitura, intercalados pelos links de imagens, sub-textos, vídeos, desenhos, literatura, entre outros e corroboram na intermediação entre os textos clássicos e os hipertextos digitais.

O hipertexto e seus desdobramentos caracteriza-se como um método interessante de ensinar e aprender conteúdos disciplinares de forma não-linear e configura-se, segundo LÉVY, 1999 ( In: KENSKI, 2006, p. 63), como:

(...) pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade do leitor.

Na leitura de um texto linear cada palavra tem sua importância. A compreensão do que está escrito ocorre de forma linear e progressiva com um tempo cronológico e com um espaço contínuo e seqüencialmente preenchido.

Segundo KENSKI (2006, p.61), o texto liberta-se do contexto em que foi originariamente produzido. Seus enunciados podem ser removidos e recombinaos em novas produções. Novos textos formados por fragmentos múltiplos, que podem ou não gerar idéias criadoras. Inovações que podem abrir novos caminhos compreensivos.

O texto eletrônico segundo ROCCO, 1999 ( In: KENSKI, 2006, p. 62),

(...) é um produto verbal diferente, um produto de um novo tempo, veiculado por um novo suporte que atua também tanto sobre a natureza e feição dos textos quanto sobre os processos de apropriação e significação por parte dos leitores. Trata-se de um *texto híbrido* que, por “escrito”, lança mão de recursos da oralidade e de ícones para se tornar mais próximo da conversação natural.

Segundo LÉVY (1999, p. 56) “o hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, 'botões' indicando a passagem de um nó a outro”.

É uma nova forma de linguagem em que acontece a mediação entre o oral, o escrito, o imagético e o digital dando o formato do hipertexto.

O hipertexto é interativo, não-linear, intertextual e heterogêneo. O simples ato de ler se transforma.

Segundo PARENTE (1999, p. 98), o hipertexto segue os princípios básicos da conexão e da heterogeneidade. Se apropriando do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, o autor infere que qualquer ponto do hipertexto pode ser conectado a qualquer outro. Vem desta análise que o hipertexto é não-linear pois não contempla nem ordem e nem percurso predefinidos. Todo o percurso percorrido depende única e exclusivamente do leitor. Seu gosto, seus interesses, expectativas levam o leitor a ter sua própria autonomia quando se dispõe a navegar nos links e hiperlinks de um hipertexto que lhe convém. Os caminhos que o leitor vai percorrer são únicos e estão intimamente ligados ao interesse do mesmo. Porém, essa autonomia de estabelecer a ordem que mais lhe convém ou se adequa às suas necessidades é relativa pois o hipertexto não é uma sequência de qualquer coisa.

MARCUSCHI (1999) chama a atenção para algumas dificuldades que podem ocorrer por esse fato. Segundo o autor, a não-linearidade plena só é possível abstratamente e não na materialidade do texto. O grau de complexidade exige muito mais funções cognitivas do leitor para ter muito claro o que quer buscar e contar com um sólido repertório pessoal. A fragmentação de escrita do texto pode contribuir para a superficialização e futilização da leitura.

CANCLINI (1998, p. 307) também analisa estes fenômenos com ressalvas. Segundo ele, estes fenômenos não são neutros, despretensiosos, desinteressados. Eles acabam por desistoriar, desterrar, dessignificar.

PARENTE (1999, p. 95) coloca que o hipertexto é dinâmico, em que o leitor executa o texto na medida em que tem a capacidade de escolher não apenas o percurso a fazer, mas a possibilidade de transformar o conteúdo.

Lèvy, em seu livro - As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática (1993) coloca seis características ou princípios básicos para o hipertexto:

1. O princípio da metamorfose em que a rede hipertextual está em constante construção e renegociação.
2. O princípio da heterogeneidade em que os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos.
3. O princípio da multiplicidade e de encaixe das escalas em que o hipertexto se organiza em um modo “fractal”, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão.
4. O princípio da exterioridade em que a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e sua diminuição, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, etc.
5. O princípio da topologia: Nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.
6. O princípio da mobilidade dos centros em que a rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens do sentido.

Segundo LÉVY (1993, p.71), quando abstrai sobre a metáfora do Hipertexto, coloca que:

As tecnologias intelectuais misturam-se à inteligência dos homens por duas vias. A escrita, por exemplo, serviu por um lado para sistematizar, para gradear ou enquadrar a palavra efêmera. Por outro lado, ela inclinou os letrados a ler o mundo como se fosse uma página, incitou-os a decodificar signos nos fenômenos, das tábuas de profecias dos magos da Caldéia à decifração do código genético, como se a vida, muito tempo antes dos Fenícios, tivesse inventado o alfabeto.

Dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto. Uma mesma mensagem, dependendo da análise interpretativa de cada pessoa, terá sentido diferente. Se por um lado o texto é o mesmo para cada um, por outro lado, no hipertexto a análise pode se diferenciar completamente pelas redes de relações em que a mensagem será capturada ou seja, a rede semiótica que o hiperleitor usará para capturá-la. Para alguns, que se conectam à algumas proposições, o texto ficará muitas vezes obscuro. Para os hiperleitores que buscarem mais páginas (links) relacionadas, verificarão outros sentidos que serão extremamente esclarecedores e darão sentido a leitura. O hipertexto é uma rede de associações. É um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. Os hipertextos dizem respeito a uma virtualidade informática no sentido amplo. Um mundo virtual, no sentido amplo, é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da idéia de que o computador mudou nossa maneira de ler e escrever, entendemos que a escola também precisa rever seus métodos e técnicas de ensinar conteúdos curriculares. O hipertexto possibilita novas formas de aprender e seguir na busca do conhecimento e afeta sensivelmente o modo como escrevemos e interagimos. As fronteiras entre leitor e escritor diminuem tornando-se parte do mesmo processo. A escrita também passa a ser menos individual e se torna uma atividade mais coletiva e colaborativa. A relação de autoridade se dilui pois se distribui pelas imensas redes digitais possibilitando a construção social do conhecimento. Entende-se, portanto, que

é possível utilizar o hipertexto como uma ferramenta que promova a autonomia dos alunos favorecendo a construção interativa do conhecimento.

Segundo MARCUSCHI (2001, p.81),

Talvez não estejamos suficientemente preparados para a realidade virtual da telinha do computador, tão real como a realidade empírica da página do livro. Com uma diferença essencial: é só desligar a telinha e o texto se esconde. O certo é que estamos chegando à ausência da página, à decomposição da linearidade textual e à desmontagem da própria noção tradicional de texto.

Segundo o mesmo autor, o hipertexto é visto como um espaço cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto. Esse espaço não é mais linear e nem tem mais uma direção definida. O hipertexto além de não linear, é um texto volátil, também um texto topográfico, fragmentário, de acessibilidade ilimitada, multisemiótico e interativo. Ao navegar livremente por uma rede de textos, o leitor busca aquilo que lhe interessa fazendo com que seus interesses sejam o fio organizador das escolhas e das ligações. São as idéias e associações que o conduzem as suas escolhas produzindo desta forma uma textualidade cuja coerência tem um toque pessoal.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª edição, São Paulo: editora Hucitec, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1995.

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento**: interdisciplinaridade na escola. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

BRASIL, MEC-Governo Federal. **PCN + Ensino Médio**. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002,104p.

BRASIL, MEC-Governo Federal. **PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Distrito Federal, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. In: Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Regras concretas e máquinas abstratas. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

FIORENTINI, Leda Maria Rangearo; MORAES, Raquel de Almeida (Org). **Linguagens e Interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GUALBERTO, Ilza Maria Tavares. **A influência dos hiperlinks na leitura de hipertextos enciclopédico digital**. Tese de Doutorado. UFMG, 2008, 202 p. Em <http://www.letras.ufmg.br/poslin/defesas/321D.pdf>. Acesso em 12/09/2010.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. - (Série Prática Pedagógica).



KNECHTEL, Maria do Rosário; VIEIRA, Leocilêa Aparecida. **Metodologia da investigação em Educação a Distância**. Curitiba: Editora IBPEX, 2002. (Coleção Educação a Distância, n. 4).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ªed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1992. Tradução de Carlos Irineu da Costa, 264 p. (Coleção TRANS).

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da Fala para a Escrita**. 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, Vol 4, Nº. 1, 2001 (79-111). Universidade Federal de Pernambuco.  
[http://rle.ucpel.tche.br/php/edições/v4n1/f\\_marcuschi.pdf](http://rle.ucpel.tche.br/php/edições/v4n1/f_marcuschi.pdf). Acesso 09/07/2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A coerência no hipertexto**. IN: COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). Letramento Digital. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 185-207.

PARENTE, André. **O hipertextual**. In: O virtual e o hipertextual. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

PETRÁGLIA, Izabel C. **Interdisciplinaridade**: o cultivo do professor. São Paulo: Pioneira: Universidade São Francisco, 1993.

UFPR – Universidade Federal do Paraná. **Normas para apresentação de documentos científicos**. 2 Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007. Sistema de Bibliotecas.

[www.unicamp.br/~hans/mh/educ.html](http://www.unicamp.br/~hans/mh/educ.html). Artigo: **O hipertexto no contexto educacional**. Acesso em 09/07/2010.

[www.Pucsp.br/~cimid/4lit/loneghi/criliter.htm](http://www.Pucsp.br/~cimid/4lit/loneghi/criliter.htm). Artigo: **Hipertexto e Criação Literária**. Acesso em 10/07/2010.

[www.Revistaconecta.com/destaque/edicao04.htm](http://www.Revistaconecta.com/destaque/edicao04.htm). Artigo: **Ler e Escrever na Cultura Digital**. Acesso em 10/07/2010.

XAVIER, Antônio Carlos. **Os processos de referenciação no hipertexto**. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (41): 165-176, Jul/Dez. 2003.